

CANTIGA DE CEILÃO, COM JORGE DE SENA EM SANTA BÁRBARA

Kenneth David Jackson*

Visitei o poeta Jorge de Sena em Santa Bárbara em Março de 1974, apenas um mês antes da “Revolução dos Cravos”. Eu acabara de voltar do Ceilão, onde estudava a língua crioula e cultura de descendentes de portugueses, residentes no porto de Batticaloa, na costa leste da ilha. Fiz-lhe ouvir algumas gravações de música e mostrei-lhe versos, recolhidos na pesquisa junto aos “Burghers portugueses,” como são chamados. *E chegam-me do fundo de Ceilão e do tempo/ por mão amiga que os encontrou ainda vivos.*

Assim, o poema “Cantiga do Ceilão”, teve sua origem numa sobrevivência musical à viva voz da cultura portuguesa implantada na Ásia nos séculos XVI e XVII, da qual o crioulo português de Sri Lanka (Ceilão) é um dos exemplos mais persistentes. A construção do forte em Batticaloa a partir de 1624 reuniu portugueses, lascarins, africanos da costa oriental e outros colonos, segundo o relato seiscentista do Capitão João Ribeiro (*Fatalidade Histórica da Ilha de Ceilão*, 1685). As cantigas sempre comunicavam a energia, o espírito comunitário e o prazer despreocupado da cultura indo-portuguesa. *Distâncias de oceanos os conduziram como hábito/ de serões e vigílias.* Esse povo animava-se com o ritmo e a melodia da *cafrinha* tradicional por trezentos e cinquenta anos. *estes versos emergem com uma tranquilidade/ terrível de língua morta a desfazer-se/ e cujos ossos restam dispersos num e de um rimance/ cantado já quatro séculos numa terra alheia.*

Se a minha visita tivesse demorado mais um mês, talvez o poema fosse diferente por causa da Revolução, mas sendo de Março, comunica-nos da fragmentação da língua portuguesa num mundo de exílio, ainda colonial, de um Babel camoniano, que era o mundo em que Jorge de Sena vivia. Os versos ecoaram num espaço íntimo para o poeta português, que vivia na

Califórnia entre arquipélagos de língua portuguesa, falada apenas por alunos, emigrantes ou exilados, com a memória de um Portugal distante: *Solidões do longe/ os ensinaram a quem partilhou tédios e saudades./ E apesar de outros povos, outros domínios, outros reinos/ ficaram nas memórias teimosas de abandonada gente/ quando o império se desfez e os nomes se esqueceram.* O poema resume todo um período de exílio e de resistência contra o Salazarismo e o Marcelismo. *Nesta noite do mundo a abater-se sombria/ sobre um Portugal que os deuses já cegaram*

Quando o poema saiu, postumamente, em 1979 (datado 23/3/74), surpreendeu-me, pois lembrei-me que ao ouvir as músicas e ler os textos aquela noite em casa, Sena apenas tomara notas sobre dois versos, cantados sem acompanhamento, depois convertidos em epígrafe: *Mara mutem fundu minhe vida par tira/ Rue nuga largu minhe morte par leve.* [*‘O mar não é tão fundo que me tire a vida/ Nem há tão larga rua que me leve a morte’ – trad. J. S.*]. Nada havia a indicar que esse momento estivesse na origem de uma ideia ou de uma intenção poética, ou de profunda meditação sobre o mundo da língua portuguesa, a ser convertida em poema. A “Cantiga” permite-nos observar de perto o método criativo em ação. Os versos, até a voz da senhora que cantava, pareciam sair de um espaço marítimo infinito, voz da dissolução da cultura portuguesa na Ásia e da sua dispersão no vasto mundo das navegações e do exílio. *estes versos portugueses leio como se lêem as pedras/ no fundo de água turva e remexida.*

Tendo conhecido os versos depois de anos passados no exílio, o poeta associa a morte secular da língua com a dispersão daquilo que foi e que poderia ter sido Portugal no mundo, e que ele defendia como intelectual, poeta e professor, com uma voz que se perdia também nos mares de Santa Bárbara. *Falam de morte a que profundas não bastam/ e de ruas estreitas em que ela não cabe ou passa./ Fundos de mar e ruas como a vida sabe/ se perdida em si mesma, presa por um fio/ a um país esquecido e que se esquece ao longe,/ palavra a palavra, por gente dissolvida.*

Mas na resistência dessa voz do Ceilão contra o destino e o tempo, contra a distância e o esquecimento, contra a própria morte, o poeta percebe uma “pequenina luz.” É a determinação desse povo a vencer o tempo e os mares, a coragem de manter viva essa língua, contra tudo e todos, e contra a própria morte, que revitaliza o poeta ao ouvir as palavras vindas de longe e justifica o poema. Escreveu-o para desafiar a morte, que levaria o nosso poeta uns escassos quatro anos depois de composta a “Cantiga,” sua, mas também cantiga do destino do caminho marítimo, ao qual o poeta pertence, e da própria língua em que escreve.

* Professor de literatura luso-brasileira na Universidade de Yale. Doutorou-se com Jorge de Sena na Universidade de Wisconsin. Autor de Machado de Assis: A Literary Life (Yale, 2015), Adverse Genres in Fernando Pessoa (Oxford, 2010), De Chaul a Batticaloa: As Marcas do Império Marítimo Português na Índia e no Sri Lanka (Mar de Letras, 2005) e Sing Without Shame (John Benjamins, 1990), entre outros.